

Crise da dívida vai a debate no Congresso ^{Externa} norte-americano

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — A Comissão de Bancos da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos fará audiências públicas hoje e amanhã para discutir a crise da dívida externa dos países em desenvolvimento. Essa discussão, que inclui um depoimento do ex-ministro Bresser Pereira, abre uma temporada de deliberações aqui em Washington sobre a elaboração de uma nova estratégia americana em relação ao problema do endividamento dos países mais pobres.

Os deputados vão ouvir banqueiros, como o presidente do comitê de bancos credores do Brasil, William Rhodes, acadêmicos, como o professor de Harvard Jeffrey Sachs, funcionários de governos estrangeiros, como o presidente do Banco Central da Costa Rica, além de representantes de várias entidades oficiais

americanas, como o Fed (o banco central dos Estados Unidos) e o FDIC (a agência que garante os depósitos bancários no país).

A nova lei de comércio, aprovada pelo Congresso e sancionada pelo presidente Ronald Reagan no ano passado, determina especificamente que o governo dos Estados Unidos deverá reexaminar nos próximos meses a questão da dívida externa dos países em desenvolvimento. O próprio presidente eleito, George Bush, afirmou recentemente que ele e sua equipe estão fazendo uma revisão da estratégia dos Estados Unidos em relação à crise da dívida.

Um dos especialistas que vão depor hoje no Congresso, o diretor do Instituto de Economia Internacional, Fred Bergsten, disse ontem numa entrevista que a iniciativa de promover as audiências na Comissão de Bancos da Câmara dos Deputados é uma das “muitas idéias

criativas” para solucionar a questão da dívida que estão em pauta atualmente em Washington. Bergsten deverá chamar a atenção do Congresso americano, na audiência de hoje, para o perigo de radicalização política na América Latina, devido às consequências da crise da dívida.

“Os anos 80 foram uma década perdida para o crescimento econômico da América Latina. O padrão de vida está mais baixo que 10 ou até 20 anos atrás. Isso quer dizer que em certo ponto poderá surgir instabilidade política. Haverá eleições este ano no Brasil e na Argentina, onde será possível uma radicalização”, disse ontem Fred Bergsten. Ele está convencido também de que os Estados Unidos também estão perdendo com essa crise, já que devido a essa situação as exportações americanas para a América Latina caíram drasticamente, agravando ainda mais o déficit da balança comercial dos EUA.